

## FILIAÇÃO GENÉTICA DO JAMINAWA NA FAMÍLIA LINGUÍSTICA PANO: APONTAMENTOS E CONSIDERAÇÕES

### JAMINAWA GENETIC AFFILIATION IN THE PANO LINGUISTIC FAMILY: APPOINTMENTS AND CONSIDERATIONS

Shelton Lima de Souza\*<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Acre/Rio Branco/AC

\*Autor correspondente: e-mail: shelton.linguista@gmail.com

#### RESUMO

Neste artigo, há um olhar descritivo-interpretativo sobre estudos de organização genética de línguas Pano, com foco na língua indígena Jaminawa, falada em território acreano e amazonense. O objetivo inicial deste trabalho é apresentar, de maneira panorâmica e exploratória, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, as principais abordagens oriundas da Linguística Histórica referentes ao desenvolvimento de árvores genéticas que organizam línguas com características gramaticais e sociogeográficas similares e que, por extensão, podem ser agrupadas a grupos linguísticos específicos, no caso organizadas na família Pano – considerada uma família isolada. Ao apresentar essas abordagens de filiação genética para línguas de mesma família linguística, foram destacadas questões similares e diferenças entre as propostas dos autores e, por fim, como forma de resultado a ser mostrado, apresenta-se um quadro comparativo que destaca a inserção da língua Jaminawa como pertencente à família linguística em questão e, conseqüentemente, as diferenças entre as propostas de filiação genética desenvolvidas pelos autores em estudo.

**Palavras-chave:** Filiação genética. Jaminawa. Línguas Indígenas. Família Linguística Pano.

#### ABSTRACT

There is a descriptive-interpretive view in this article talking about the studies of the Pano languages genetic organization focusing on the Jaminawa indigenous language, spoken in Acre and Amazonian territories. The initial objective of this work is to present, in a panoramic and exploratory way, by means of a bibliographic and documentary research, the main approaches derived from Historical Linguistics referring to the development of genetic trees that organize languages with similar grammatical and sociogeographic characteristics and that, by extension, can be grouped to specific linguistic groups - in this case, organized in the Pano family, considered an isolated family. When submitting these approaches of genetic affiliation for languages of the same linguistic family, similar issues and differences between the authors proposals were highlighted and, finally, as a result to be shown, a comparative table is presented that highlights the insertion of the Jaminawa language as belonging to the linguistic family concerned and, consequently, the differences between the genetic affiliation proposals developed by the authors under study.

**Keywords:** Genetic affiliation. Jaminawa Language. Indigenous Languages. Pano Linguistic family.

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Rodrigues (2002), a língua Jaminawa<sup>1</sup> é classificada como pertencente à família Pano e é falada por indígenas Jaminawa localizados no Brasil, na Bolívia e no Peru; particularmente no Brasil, este povo está situado em diversas Terras Indígenas no Acre e no Amazonas. Por não ser vinculada a nenhum tronco linguístico, a família Pano é isolada (RODRIGUES, 2002; SEKI, 1999). Os grupos étnicos que falam línguas pertencentes à família linguística Pano são caracterizados por compartilharem traços socioculturais e geográficos de

<sup>1</sup> A língua pode ser grafada com Y, devido à influência das descrições feitas sobre a língua em espanhol (FAUST; LOOS, 2002) (Yaminawa) ou com J, no caso das variedades da língua faladas no Brasil (Jaminawa). Para este trabalho, utilizo a última grafia mencionada.

suas localizações. Esses povos estão situados em diversos espaços que abrangem a região amazônica de três países sul-americanos: Peru (Departamentos do Ucayali e Madre de Dios), Bolívia (espaço oriental do país) e norte do Brasil, e apresentam características sociais que se assemelham em diversos aspectos, tais como: nomadismo ou seminomadismo<sup>2</sup> e cultura de caça e pesca (FLECK, 2013; GRASSERIE, 1890).

A família linguística Pano reúne cerca de 32 línguas que são faladas, aproximadamente, por 40.000 a 50.000 pessoas. Considerando o número de falantes, a família Pano é a quinta maior da América do Sul (SEKI, 1999).

Referente à localização, Rodrigues (2002, p. 77) afirma que os grupos Pano no Brasil se situam na parte sul e oeste do Acre, se estendendo para o leste “até a parte ocidental de Rondônia, chegando até o norte do Estado do Amazonas, entre os rios Juruá e Javari”. Seki (1999, p. 260) afirma que, no Brasil, existem 13 línguas da família Pano – segundo a linguista ainda pouco estudadas – e outras que se encontram no Peru e na Bolívia. Abaixo, segue-se um mapa indicando os três países onde os grupos Pano estão localizados:

**Localização das línguas Pano no Brasil, Peru e Bolívia**



<sup>2</sup> O antropólogo Oscar Salavia Sáez problematiza os termos nomadismo e semi-nomadismo, afirmando que não são categorias analíticas aplicáveis à organização social Jaminawa. Para ver mais detalhes sobre essa questão, cf. Souza (2017).

Fonte: Fleck (2013, p. 8)

As línguas mencionadas no mapa estão em negrito para melhor serem identificadas e os rios, próximos aos locais onde os povos que as falam se situam, estão em itálico. Observamos que os grupos Pano estão localizados em diversas regiões do Brasil, Bolívia e Peru e que, de variadas formas, têm contato com grupos indígenas falantes de línguas de outras famílias linguísticas como Tupi, Aruak e Tucano<sup>3</sup>. Além disso, o mapa faz referência a línguas ainda faladas no Brasil, Peru e Bolívia e, também, a línguas já não mais faladas (ou com várias transformações ao longo do tempo) e que foram identificadas em registros de textos de missionários jesuítas (do início do séc. XVII e segunda metade do séc. XVIII) e franciscanos (na segunda metade do séc. XVII e início do séc. XX), filólogos europeus (no séc. XIX), viajantes e linguistas (no início do séc. XX aos dias atuais) e missionários/linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL) (a partir da segunda metade do séc. XX aos dias atuais) (FLECK, 2013).

O linguista francês Raoul de la Grasserie (1839-1914) foi o primeiro pesquisador a propor uma família linguística Pano. No seu trabalho de 1890, o autor propôs que essa família seria composta por sete línguas:

“De la famille linguistique Pano. Sept langues Américaines, le Pano, le Mayoruna Domestica, le Mayoruna Fera, le Maxuruna, le Caripuna, le Culino, le Conibo et le Pacavara forment une seule famille linguistique.” (GRASSERIE, 1890, p. 438)<sup>4</sup>.

Além de discutir questões referentes às línguas mencionadas na citação, comparando-as com a finalidade de analisar possíveis filiações genéticas entre elas, Grasserie descreveu a situação sociocultural e geográfica dos povos que falavam essas línguas. É a partir desse trabalho de Grasserie que se começa a discutir a integração de línguas para compor essa família linguística, o que não acontecia no período anterior à publicação do autor (CAMARGO, 2007; CÂNDIDO, 1998; FERREIRA, 2005).

Vemos, ao longo das pesquisas referentes à família Pano – tendo em vista a própria inserção do Jaminawa nessa família – que há uma grande diversidade de propostas de classificação linguística; isso se justifica pelas características do estudo que são levadas em consideração no momento da classificação. Geralmente, para se organizar as línguas em troncos e, por conseguinte, famílias linguísticas, levam-se em conta as similaridades que essas línguas

<sup>3</sup> É comum haver inter-relação linguística entre grupos indígenas falantes de línguas de famílias diferentes nessas regiões, como atestam DIXON e AIKHENVALD (1999, 2006 e 2007) e STENZEL (2009).

<sup>4</sup> A Família Linguística Pano é composta por sete línguas americanas, o Pano, o Mayoruna Doméstico, o Mayoruna, o Maxuruna, o Caripuna, o Culino, o Conibo e o Pacavara formam uma só família linguística.” (Tradução Nossa – foi mantida a grafia utilizada pelo autor).

apresentam no tocante aos aspectos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos etc.) e aos aspectos sócio-histórico-geográficos dos grupos étnicos que as falam.

Assim, dependendo do interesse do estudo a ser feito, o pesquisador seguirá uma proposta de classificação mais dirigida às similaridades linguísticas ou voltada para aspectos extralinguísticos.

A seguir, temos a proposta de classificação da família Pano de Loos (1999):

**Classificação 1 – Família Pano organizada por Loos (1999)<sup>5</sup>**

**Subgrupo Yaminawa**

- 1 Yaminawa 500 P, Br.
- 2 Amawaka 200 P.
- 3 Kashinawa/Honikoin 500 P,, Br.
- 4 Sharanawa/Shanindawa/Chandinawa/Inonawa/Marinawa 300 P.
- 5 Yawanawa 200 Br.
- 6 Chitonawa 35 P.
- 7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa 200 P.
- 8 Moronawa 300 Br.
- 9 Mastanawa 100 P.

**Subgrupo Chakobo**

- 10 Chacobo 400 Bo.
- 11 † Arazaire P.
- 12 † Atsawaka P.
- 13 † Yamiaka P.
- 14 Katukina/Kamannawa/Waninnawa 300 Br.
- 15 Pakawara 12 Bo

**Subgrupo Kapanawa**

- 16 Kapanawa/Pahenbakebo 400 P.
- 17 Shipibo/Konibo/Xetebo 8000 P.
- 18 † Remo Br.

---

<sup>5</sup>Os símbolos \* † significam, respectivamente, língua reconstruída e língua extinta; e as siglas Br, P e Bo significam, respectivamente, Brasil, Peru e Bolívia.

- 19 Marubo 400 Br.
- 20 † Wariapano/Panobo/Pano P.
- 21 Iskonawa 30 P.
- 22 † Kanamari/Taverí/Matoinahã Br.

**Língua Não-agrupadas**

- 23 Kashibo/Kacataibo/Komabo 100 P.
- 24 † Kulino Br.
- 25 Karipuná Br.
- 26 Kaxarari 100 Br.
- 27 Matsés/Mayoruna 2000 P, Br.
- 28 † Nokamán Br.
- 29 † Poyanáwa Br.
- 30 † Tuxinawa Br.

**Fonte: DIXON e AIKHENVALD (1999, p. 229)**

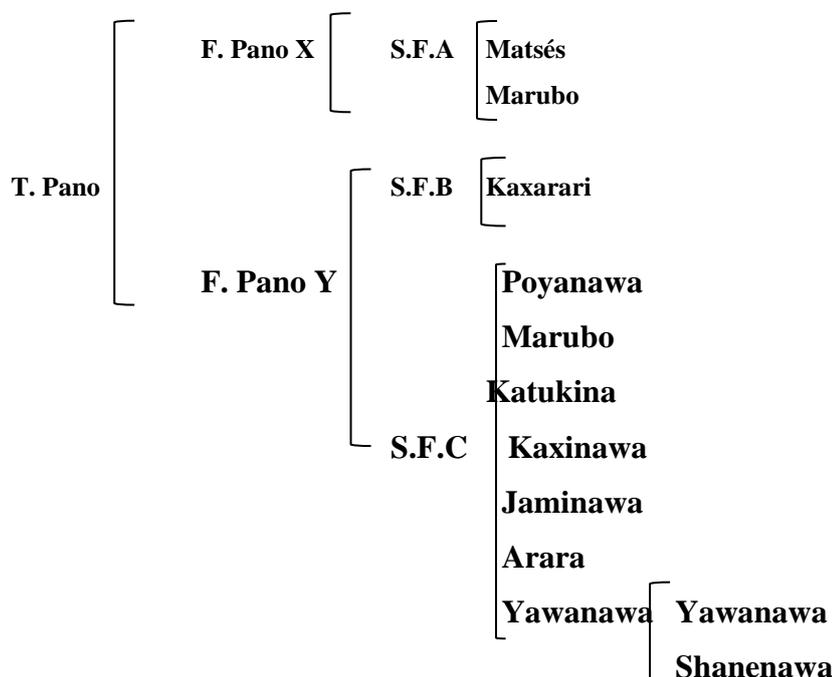
Loos (1999, p. 227) afirma que não passa de 30 o número de línguas Pano. De acordo com esse trabalho, muitas dessas línguas podem ser variedades (dialetos nas palavras de Loos) de uma mesma língua e que muitos grupos e subgrupos estão sendo sugeridos em classificações recentes da família Pano. Loos insere em sua proposta de classificação da família Pano três subgrupos e um número de línguas não agrupadas.

Mais recentemente, Lanes (2005) propôs uma classificação interna da família Pano com base na comparação de línguas Pano faladas no Acre e no Amazonas. As línguas analisadas por ele foram as seguintes: Matsés, Matis, Kaxarari, Poyanawa, Marubo, Katukina, Kaxinawa, Jaminawa, Arara (Shawã), Yawanawa e Shanenawa. Lanes seguiu a metodologia proposta pela léxico-estatística, que foi desenvolvida por Swadesh (1950)<sup>6</sup>. O autor organizou as línguas Pano mencionadas da seguinte maneira:

---

<sup>6</sup> Segundo Lanes (2005, p. 43), a léxico-estatística estabelece percentuais de cognatos que são identificados no interior de uma lista de itens lexicais. Por meio de um controle semântico, os itens lexicais são comparados e, por sua vez, o nível de cognatos é mensurado entre as línguas para se estabelecer possíveis relações genéticas entre elas.

**Classificação 2: Proposta de classificação da família Pano por Lanes (2005)**



De acordo com a proposta de Lanes (2005, p. 76), as línguas comparadas são divididas em duas grandes famílias: a família Pano X (F. Pano X) e a família Pano Y (F. Pano Y). Por conseguinte, as duas famílias são divididas em duas subfamílias: a subfamília A (S.F.A), composta pelas línguas Matsés e Marubo; a subfamília B (S.F.B), onde se encontra a língua Kaxarari e, por último, a subfamília C (S.F.C), que é composta pelas línguas Poyanawa, Marubo, Katukina, Kaxinawa, Jaminawa, Arara e Yawanawa. Para o autor, as línguas Yawanawa e Shanenawa se configuram como variedades de uma mesma língua. Dentre as conclusões apresentadas em seu estudo, Lanes postulou que a língua Kaxarari é pertencente à família Pano, reafirmando o que o próprio autor já havia postulado em sua dissertação de mestrado, e a língua Matsés e Matis estão organizadas em uma mesma subfamília, pois apresenta maiores semelhanças lexicais entre si, do que com outras línguas da mesma família.

Além das propostas de classificação interna da família Pano de Loos (1999) e Lanes (2005), Ribeiro (2006) propõe uma classificação das línguas Pano baseada em 34 línguas, como podemos ver a seguir:

**Classificação 3: Proposta de classificação das línguas Pano por Ribeiro (2006)**

**GRUPO I**

I Amawaka

**GRUPO II**

**Subgrupo II-1**

2 Kashibo

3 † Nokaman

**Subgrupo II-2**

4 Shipibo

5 Kapanawa

6 † Panobo

**GRUPO III**

**Subgrupo III-1**

7 \*Iskonawa

8 Kaxinawa

**Subgrupo III-2**

**Subgrupo III 2-1**

9 \*Nukini

10 \*Remo

**Subgrupo III-2-2**

**Subgrupo III-2-2-1**

11 †Kanamari

12 Katukina

13 Marubo

**Subgrupo III-2-2-2**

14 Mastanawa

15 †Tuxinawa

16 Yoronawa

17 Sharanawa

18 Shanenawa

19 Arara

20 Yawanawa

21 Xitonawa

22 Yaminawa

**Subgrupo III-2-3**

23 Kaxarari

24 †Poyanawa

**Grupo IV**

**Subgrupo IV-1**

25 Kapishto

26 Matsés

27 †Kulina

28 Matis

**Subgrupo IV-2**

29 † Atsawaka

30 † Arazaire

31 † Yamiaka

**Subgrupo IV-3**

32 † Karipuna

33 Chacobo

34 Pakawara

Fonte: Ribeiro (2006, p. 175 e 176)

Ribeiro (2006) divide as línguas Pano, como podemos ver acima, em quatro grandes subgrupos, dos quais três se dividem em subgrupos menores.

Abaixo, segue-se a proposta de classificação das línguas Pano desenvolvida por Fleck (2013). Segundo o autor, o seu estudo é baseado em características estritamente linguísticas (similaridades lexical, fonológica e gramatical) das línguas agrupadas na família, como vemos a seguir:

#### Classificação 4 – Classificação das línguas Pano, segundo FLECK (2013)

I.Ramo Mayoruna (4 línguas existentes e 4 línguas documentadas, mas já extintas)

A. Grupo Mayo

i.Subgrupo Matsés

a. **1 Matsés.** (3 dialetos)

Matsés brasileiro, Matsés peruano, †Paud Usunkid

b. **2 Korubo.** (2 dialetos)

Chankuëshbo, Korubo

c. **\*3 Kulina do rio curuçá Br.**

\*Chema, \*Kapishtana, \*Mawi

d. **†4 Demushbo Br.**

ii. Subgrupo matis (mais similar do ramo principal)

a. **5 Matis Br.** (mais divergente desse ramo)

b. **†6 Mayoruna do rio jandiatuba**

c. **†7 Mayoruna do rio Amazonas**

†Mayoruna doméstica do rio Amazonas

†Mayoruna doméstica do rio Amazonas

B. **†8 Mayoruna de Tabatinga**(mais divergente desse ramos em termos de fonologia)

II. Ramo principal (14 línguas existentes e 10 línguas documentadas, mas extintas)

A. **9 Kaxarari** (língua mais divergente desse ramo) Br.

B. **10 Kashibo** (dialeto Kakataibo) P.

Kashibo, Kakataibo,

Nokaman (marcada como extinta em trabalhos anteriores)

C. Grupo Nawa (subgrupo ordenada a partir da língua menos divergente)

i. Subgrupo boliviano

a. **11 Chakobo/Pakawara** (dois dialetos de uma língua)

b. †**12 Karipuna** (pode ser dialeto do Chakobo/Pakawara)

ii. Subgrupo Madre de Dios

a. †**13 Atsawaka/†Yamiaka** (dois dialetos de uma língua)

b. †**14 Arazaire**

iii. †**15 Remo do rio Blanco**

iv. †**16 Kashinawa do rio Tarauacá**

v. Subgrupo Marubo

a. **17 Marubo do Javari**

b. **18 Katukina**

Katukina de Olinda, Katukina de Sete Estrelas

† Kanamari

c. †**19 Kulina de São Paulo de Olivença**

‘Grupo de línguas Pano central’ (subgrupos vi-viii): proximidade geográfica entre essas línguas influenciaram seus aspectos comuns.

vi. Subgrupo Poyanawa

a. **\*20 Poyanawa**

b. **\*21 Iskonawa** (muito próximo do Poyanawa, mas também assemelha-se ao Shipibo-Konibo, Kapanawa e Amawaka)

c. **\*22 Nukini**

d. **\*23 Nawa** (rio Môa)

e. **\*24 Remo do rio Jaquirana**

vii. Subgrupo Chama

a. 25 Shipibo-Konibo-Kapanawa (três dialetos de uma língua)

Shipibo, Konibo, \*Kapanawa do rio Tapiche

b. \*26 Pano

†Pano, \*Shetebo, \*Piskino

c. \*27 Sensi

viii. Subgrupo *Headwaters*

a. 28 Kashinawa do rio Ibuçu

Kashinawa brasileiro, Kashinawa peruano, †Kapanawa do rio Juruá,

†Paranawa

b. 29 Yaminawa (maior complexo dialético)

Yaminawa brasileiro, Yaminawa peruano, Chaninawa, Chitonawa,

Mastanawa, Parkenawa, Shanenawa, Sharanawa - \*Marinawa,,

Shawanawa (=Arara), Yawanawa, \*Yaminawa-arara (diferente do

Shawanawa/Arara), †Nehanawa

c. 30 Amawaka

Amawaka peruano (intermediário entre este subgrupo e o subgrupo chama, talvez por contato geográfico)

† Nishinawa (= Amawaka brasileiro)

† Yumanawa (similar ao Kashinawa do rio Ibuçu)

d. †31 Remo do rio Môa (similar ao Amawaka)

e. † 32 Tuchiunawa (similar a dialetos Yaminawa)

Fonte: Fleck (2013, p. 11 e 12)

A classificação de Fleck acima é extensa, pois o autor apresenta diversas variedades linguísticas, além de línguas reconstruídas ou que já passaram por diversas transformações. O autor afirma que a sua proposta de classificação da família Pano é fundamentalmente linguística e difere de outras classificações pelas seguintes questões:

[...] ethnic identity is not taken into account, so that very similar varieties spoken by separate ethnic groups are not treated as distinct languages, but as dialects of the same linguistically defined language; subgrouping does not take into account geographical proximity, but

rather is guided by relative linguistic similarity. [...] (FLECK, 2013, p. 10)<sup>7</sup>.

Neste sentido, o linguista discute que em sua classificação, as características étnicas e geográficas não são tomadas como elementos delimitadores de divisão de línguas e variedades linguísticas, sendo o critério linguístico o fator preponderante. O linguista considera, como dialetos de uma mesma língua, duas variedades que, ao terem os seus léxicos comparados, apresentem cerca de 80% de cognatos (FLECK, 2013, p. 19)<sup>8</sup>. No caso de línguas próximas, mas que não chegam a esse nível de cognatos, o autor considera que são línguas diferentes. Assim, o pesquisador dividiu as línguas por meio de Ramo, Grupo e Subgrupo para que as especificidades entre línguas e dialetos fossem incluídas na sua proposta de classificação.

Quanto à caracterização de variedades linguísticas como dialetos de uma mesma língua ou línguas distintas entre si, pode-se citar o caso do Matis e do Matsés (Mayoruna). Na classificação de Fleck (2013), Matis e Matsés são identificados como línguas distintas agrupadas no Ramo Mayoruna Grupo Mayo e nos Subgrupos Matsés e Matis, devido às evidências linguísticas apontadas pelas pesquisas de Fleck (2003) e Fleck e Ferreira (2005). No entanto, a classificação de Loos (*op. cit.*) não faz referência ao Matis, considerando-o, provavelmente, como uma variedade do Mayoruna. Além disso, Loos classifica o Matsés como língua pertencente a um grupo não especificado, o que difere da proposta de Fleck (2013) que, como já mencionado, o classifica dentro de um subgrupo<sup>9</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a organização das três propostas de classificação das línguas Pano, anteriormente descritas, ocorre da seguinte forma: Loos (1999) aponta 30 línguas Pano, sendo 22 destas línguas organizadas em três grupos e 8 línguas isoladas (não organizadas em grupo). Por sua vez, Lanes (2005) divide um conjunto de famílias Pano faladas no Acre e no Amazonas em duas grandes famílias e três subfamílias. Ribeiro (2006) classifica 34 línguas em quatro

---

<sup>7</sup> "[...] identidade étnica não é levada em conta, de modo que as variedades muito semelhantes faladas por grupos étnicos distintos não são tratadas como línguas distintas, mas como dialetos da mesma língua; O subgrupo não leva em conta a proximidade geográfica, mas é orientado por similitude linguística relativa. [...]" (tradução nossa).

<sup>8</sup> O autor utiliza-se de um levantamento léxico-estatístico para fundamentar suas afirmações.

<sup>9</sup> A discussão para definir se variedades linguísticas são línguas distintas ou dialetos de uma mesma língua não é pacífica na Linguística. Quanto a isso, Fleck informa: "Dialects are notoriously difficult to define, but most linguists will agree that distinct speech varieties that share more than 80% of their vocabulary are dialects of the one language. This is the primary criterion that I used for making the distinction between dialects and languages... (FLECK, 2013, p. 19)". Esse apontamento de Fleck nos mostra que, dependendo da concepção teórica de língua e dialeto que o autor siga, a sua classificação apresentará diferença quanto à representação de línguas e dialetos.

grupos. Os três últimos grupos são divididos em subgrupos e, por último, Fleck (2013) organiza em sua classificação 32 línguas, divididas em dois grandes grupos e subgrupos. Línguas como Poyanawa e Nawa são vistas de forma diferente nas três classificações. A primeira língua é tida como “morta” por Loos (1999) e Ribeiro (2006), sendo classificada como reconstruída por Fleck (2013) e a segunda é incluída como língua reconstituída na classificação de Fleck e não é incluída nas classificações dos outros dois autores.

A seguir, apresento o quadro abaixo, contendo referência à classificação da língua Jaminawa por Loos (1999), Lanes (2005), Ribeiro (2006) e Fleck (2013):

Posição da língua Jaminawa nas propostas de classificação da família Pano

Língua	Loos (1999)	Lanes (2005)	Ribeiro (2006)	Fleck (2013)
Jaminawa (Yaminawa)	Subgrupo Yaminawa	Subfamília C	Grupo III Subgrupo III-2- 2-2	II. Ramo Principal viii. Subgrupo Headwaters b. Yaminawa (maior complexo dialético)

Podemos observar, no quadro acima, a posição da língua Jaminawa de acordo com as propostas de classificação da família Pano de Loos (1999), Lanes (2005), Ribeiro (2006) e Fleck (2013). A língua Jaminawa, como aponta Fleck (2013) e Lanes (2005), apresenta um variado número de dialetos que carecem de um estudo linguístico sistemático e de investigação a longo prazo. Não há conhecimento da diversidade linguística produzida por indígenas Jaminawa e

que podem, à medida que forem conhecidas, levantar questões importantes nos estudos referentes à família Pano. Neste sentido, é importante considerar que os trabalhos descritos neste texto utilizaram, para suas análises, variedades específicas do Jaminawa (Yaminawa) que precisam ser melhor exploradas, tendo em vista a quantidade de espaços habitados por indígenas – nas amazônias acreanas e amazonenses – que se autodenominam como Jaminawa (SOUZA, 2017) e que, ainda a nível de hipótese (tendo em vista a variabilidade que as línguas apresentam a depender dos espaços em que são faladas e das inter-relações com outras línguas de mesma família ou família distinta), se constituem de variedades (sócio)linguísticas importantes a se considerar em um estudo linguístico-histórico.

## REFERÊNCIAS

- [1] CAMARGO, E. **Reciprocal, response-reciprocal and distributive constructions in Cashinahua**. In.: NEDJALKOV, V. P. Reciprocal Constructions. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2007.
- [2] CÂNDIDO, G. V. **Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)**. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2004.
- [3] FAUST, Norma; LOOS Eugene E. **Gramática Del Idioma Yaminahua**. Instituto Lingüístico de Verano: Peru, 2002.
- [4] FERREIRA, V. R. S. **Língua Matis (Pano): uma análise fonológica**. Dissertação de mestrado: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2000.
- [5] FERREIRA, F. **Jaminawá – Revitalização cultural**. In.: Governo do Estado do Acre. Povos do Acre: história indígena da Amazônia Ocidental. Rio Branco: Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour – FEM, 2002.
- [6] FERREIRA, F. **“Eles têm um quintal grande demais para o estado do Acre”**. Uma etnografia acerca das estratégias dos índios Jaminawá para sua permanência e trânsito entre suas aldeias e a cidade de Rio Branco-AC. Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2014.
- [7] FERREIRA, R. V. **Língua Matis (PANO): Uma Descrição Gramatical**. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2005.
- [8] FLECK, D. **Ergatividade em Matsés (Pano)**. Liames, v. 109, p. 87, primavera 2005.
- [9] FLECK, D. **Ergativity in the Mayoruna branch of the Panoan Family**. In.: GILDEA, S., QUEIXALÓS, F. Ergativity in Amazonia. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

- [10] FLECK, D. **Panoan Languages and Linguistics**. New York: American Museum of Natural History – Scientific Publications, 2013. Disponível em: <<http://digitallibrary.amnh.org/dspace/bitstream/handle/2246/6448/AP99.pdf?sequence=1>> Acesso em 02/07/2019.
- [11] GRASSERIE, M. R. de la. **De la famille linguistique pano**. Congrès International des Américanistes. Berlin: Librairie W.H.Kühl. 1890. p. 438-450. Disponível em <<https://archive.org/details/delafamilleling00grasgoog>>. Acesso em 02/07/2019.
- [12] LANES, E. J. **Mudança fonológica em línguas da família Pano**. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
- [13] LANES, E. J. **Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas**: as línguas Pano. Tese de doutorado: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005.
- [14] LOOS, E. E. **Pano**. In.: DIXON, R. M. e AIKHENVALD, A. Y. The Amazonian Languages. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- [15] RODRIGUES, A. D. (ORG.). **Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL**. Belém: Editora Universitária, 2002.
- [16] RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**: para conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- [17] RIBEIRO, L. A. A. **Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano**. Revista Investigações. Linguística e Teoria Literária. Recife, v. 19. p. 1-25, 2006.
- [18] SÁEZ, O. S. **O nome e o tempo dos Yaminawa**. Tese de doutorado: Universidade de São Paulo – USP, 1995.
- [19] SÁEZ, O. S. **Nawa, Inawa**. Ilha. Revista de Antropologia, 4(1): 35-54, p., 2002.
- [20] SÁEZ, O. S. **O nome e o tempo dos Yaminawa**: etnografia e história dos Yaminawa do rio Acre. São Paulo, Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.
- [21] SÁEZ, O. S. **O território, visto por outros olhos**. Revista de Antropologia, V. 58, n.º 1, 2015.
- [22] SEKI, L. **A Linguística Indígena no Brasil**. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º Especial, 1999, p. 257-290. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4019.pdf>. Acesso em 08/10/2019
- [23] SOUZA, Shelton Lima de. **Povo e língua Jaminawa (variedade de Kayapucá)**: da realidade social às formas linguísticas e às categorias Aspecto-temporal, Modo e Negação. 2017. 261f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.